

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HISTÓRIA DO BRASIL INDEPENDENTE II – FLH0342

PROFESSOR: DR. MARCOS FRANCISCO NAPOLITANO DE EUGÊNIO

Plano de aula

**A representação do impacto sociopolítico da Copa do Mundo
de 1970 no jornal *O Pasquim* e a revista *Veja* na Ditadura
Militar brasileira**

ESTUDANTES:

HARINI ABJA KANESIRO - NÚMERO USP: 8576421

JOSÉ BENTO DE OLIVEIRA CAMASSA - NÚMERO USP: 8575409

MARCELA D'ELIA - NÚMERO USP: 7620363

PERÍODO: NOTURNO

São Paulo

2015

ÍNDICE

A) JUSTIFICATIVA E FONTES.....	p. 3
B) SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	p. 5
C) DESCRIÇÃO DAS FONTES.....	p. 16
D) MÉTODOS E ESTRATÉGIAS.....	p. 22
E) MATERIAL DE APOIO.....	p. 22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 27

A) JUSTIFICATIVA E FONTES

- Tema

Este plano de aula pretende abordar a apropriação da conquista da seleção brasileira da Copa do Mundo de futebol de 1970 pelo governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) na Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Para tanto, nos valeremos de duas fontes primárias, ambas jornalísticas, uma reportagem sobre a recepção de Médici no Palácio do Planalto aos campeões mundiais e uma charge sobre alguns dos problemas brasileiros persistentes a despeito da euforia com o campeonato mundial.

A partir das fontes, se desdobrarão os temas da parcialidade jornalística e da possibilidade de diferentes abordagens para um mesmo fenômeno – no caso, a comoção popular com a Copa do Mundo. Além disso, se tocará no tema da seca, mencionado por ambas as fontes.

- Fontes

SEM AUTOR. “A Imagem do Sucesso”. *Veja*, nº 95, pp. 18-23, 08/07/1970. Disponível no acervo digital da revista, por meio da busca por edição: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>> (Acesso em 05/08/2015)

JAGUAR. Charge sem título próprio. *O Pasquim*, 13/08/1970 (JAGUAR; AUGUSTO, 2006)

- Público-alvo

O presente plano de aula se destina a professores de História do Ensino Médio, por diversos motivos. Primeiramente, pois o conteúdo relativo ao período da Ditadura Militar brasileira, nos currículos e parâmetros escolares (SÃO PAULO, 2011, p. 71), compete a esse nível de ensino – mais especificamente, ao 3º ano do Ensino Médio, na disciplina de História. Nesses mesmos parâmetros, é recomendado o uso da análise de fontes históricas – como o plano de aula que proporemos – como recurso didático, estimulando a capacidade de leitura e interpretação crítica dos estudantes (SÃO PAULO, 2011, p. 36) – a qual é tida como a principal contribuição da disciplina de História no Ensino Médio, dada a função desse nível de preparar os estudantes para “a vida adulta e a inserção autônoma na sociedade” (BRASIL, 2014, p. 22, p. 28).

Em segundo lugar, cabe destacar que a interpretação iconográfica de charges e matérias jornalísticas também é apontada pelos parâmetros públicos como competência

a ser desenvolvida no Ensino Médio. No mesmo sentido, é possível verificar que as questões das últimas edições do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) recorrentemente vêm exigindo a análise de cartuns e trechos de reportagens, bem como têm tratado da Ditadura Militar.

Além disso, as fontes a serem trabalhadas neste plano de aula estimulam uma ampliação do repertório cultural dos alunos que julgamos bastante adequada para a faixa etária da maioria dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, de modo geral capazes de acionar uma considerável bagagem cultural a partir de determinado conteúdo programático. Também é de se destacar que os alunos dessa série provavelmente já estão, em maior ou menor grau, familiarizados com canais de mídia escrita, como a jornalística, que trataremos na sequência didática.

- Objetivos

- Mostrar como os esportes, especificamente, o futebol, estabelecem relação com o contexto político de uma época. Abordar e problematizar a apropriação de eventos e conquistas esportivas por parte de governos.
- Verificar como um mesmo fato pode ser compreendido de maneiras díspares, por parte de agentes sociais e políticos distintos.
- Analisar a promoção de um ideário enaltecido da Ditadura Militar no começo da década de 1970.
- Examinar a parcialidade da imprensa na abordagem que opta fazer da realidade; perceber que diferentes visões políticas e sociais estão presentes em peças jornalísticas distintas.
- Analisar fontes primárias escritas de diferentes tipos (charge e reportagem).

- Requisitos

A atividade didática proposta demanda que o conteúdo referente a Ditadura Militar no período após o Ato Institucional nº 5 e antes do início da abertura política tenha sido ministrado nas últimas aulas. Sobretudo, é necessário que tenham sido abordados os aspectos econômicos – como o chamado “Milagre Brasileiro” –, sociais e políticos desse período – especialmente, a repressão e a censura –, pois este plano de aula pretende discutir, atreladas a esses aspectos, a significação por parte do regime militar vigente da vitória da seleção brasileira de futebol da Copa do Mundo de 1970.

Recomenda-se, igualmente, que os estudantes disponham de um livro didático ou paradidático de História que contemple o período em questão.

É necessário que os alunos já tenham lido em casa para a primeira aula da sequência didática a matéria da revista *Veja*. Também é necessário que os alunos estejam com esse texto à mão, em formato de ficha, que deve ser providenciada pela escola. Já para a o cartum, sugere-se distribuir reproduções para a sala de aula ou exibi-la em *datashow*, se disponível.

- Duração

Estimativa de aulas necessárias: três sessões de 50 minutos ou duas de 75 minutos – recomenda-se que se disponha de um tempo de reserva em aulas subsequentes a essas.

B) SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1

Exposição do professor (tempo estimado: 10 minutos)

Para iniciar, sugere-se que o(a) professor(a) explicita que a aula buscará relacionar as diferentes significações de um evento esportivo durante a Ditadura Militar por parte do governo e da imprensa. Encorajamos que o docente evidencie que o pressuposto da aula é de que os esportes, sobretudo os de grande popularidade, como o futebol, não estão isolados das esferas políticas e sociais, podendo ser influenciados por ela. Em seguida, o professor pode anunciar que o acontecimento esportivo em questão é a vitória brasileira na Copa do Mundo de Futebol de 1970 e perguntar se algum dos alunos teria informações sobre ela. Como alguns talvez tenham, já se estará introduzindo o tema.

Após esses comentários, indicamos que o(a) professor(a) faça uma exposição breve sobre a campanha da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970, sediada no México, complementando os dados apontados pelos alunos. Nessa exposição, pode-se destacar a invencibilidade e a grande habilidade demonstrada pelo time na competição, explicitada na expressão “jogo bonito”. Deve-se enfatizar que vários dos atletas da seleção eram considerados craques e jogavam em clubes de grande apelo popular, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais

– Corinthians, São Paulo, Vasco, Flamengo, Cruzeiro, entre outros. Também seria interessante ressaltar que a final da Copa em questão valeria a posse definitiva da Taça “Jules Rimet” – nome de um dos fundadores da Federação Internacional de Futebol (FIFA) –, visto que essa seria entregue ao primeiro país a conquistar três vezes uma Copa do Mundo e tanto a seleção brasileira como a italiana, que se enfrentaram na final, já haviam ganhado duas. Assim, mostram-se aos alunos diversos fatores que mobilizavam a atenção de grande setor da população para o torneio, além da popularidade do esporte no país.

Depois dessa apresentação inicial, a classe deve ser dividida em grupos de quatro pessoas para análise e discussão em grupo sobre a primeira fonte. Todos os grupos devem seguir o roteiro de perguntas para serem discutidas e registradas em tópicos nos cadernos, para a participação oral na discussão coletiva a ser realizada.

Em grupo

Roteiro de análise da 1ª fonte (tempo estimado: 20 a 30 minutos)

Observação 1: Sugere-se enfatizar aos estudantes a necessidade de se considerar tanto o texto quanto as fotografias presentes na reportagem.

Obs. 2: Aconselha-se que o(a) professor(a) transite entre os grupos, acompanhe um pouco do trabalho de cada um deles e preste atendimento quando julgar necessário ou quando for solicitado.

Obs. 3: É necessário que os alunos já tenham lido em casa para a aula a matéria da revista *Veja*. Também é necessário que os alunos estejam com esse texto à mão, em formato de ficha, que deve ser providenciada pela escola e possuir o texto e as fotos da matéria. Caso alguns alunos não tiverem lido o texto, uma vez que esta não é uma prática muito comum de ser exigida para Ensino Médio, a leitura pode ser feita no grupo; ou pode-se tomar conhecimento do conteúdo do texto no grupo, a partir da discussão com alunos que leram.

Obs. 4: Abaixo de cada pergunta, deixamos respostas sugeridas em **vermelho**.

Obs. 5: Não se espera que as respostas dos alunos sejam consensuais, nem idênticas às sugeridas. As perguntas servem como norte para que revejam e interpretem o texto, buscando elementos para avaliar suas visões. O(a) professor(a) pode, de acordo com a realidade social de seus alunos, retirar ou acrescentar questões.

1) Segundo a matéria, como o governo Médici se portou perante a conquista da Copa? Havia algum objetivo político nessa postura? Indique ações que comprovem sua resposta.

R: O governo de Emílio Garrastazu Médici apropriou-se do contexto de euforia e nacionalista provocado pela conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira, no ano de 1970. Sendo assim, o governo buscou atrelar o momento de otimismo nacional e nacionalismo - que se voltava para o futebol - também para o regime militar vigente. Uma vitória esportiva foi utilizada, portanto, como ensejo para legitimação e promoção do governo - uma "vitória" política.

Pode-se fazer a ressalva de que tal apropriação não foi claramente arquitetada previamente, já que se informa que a realização da celebração pública da vitória na Praça dos Três Poderes - que permitia maior “afluência popular” (p. 19), em contraste com o Palácio da Alvorada – foi uma decisão improvisada. Também se pode dizer que os aplausos da multidão presente na cerimônia a Médici foram espontâneos e sem significado político. Mesmo assim, no entanto, a partir da conquista da Copa, objetivou-se capitalizar a onda de ufanismo popular para impulsionar novas campanhas publicitárias de exaltação governamental, como expõem as falas de Manso Neto na matéria.

3) A matéria busca apenas analisar a apropriação da comoção popular com o futebol por parte do regime militar no comando de Médici ou também exaltar esse recurso como estratégia governamental para se legitimar perante o público? Aponte dois elementos, aspectos ou trechos da matéria que justifique sua interpretação.

R: A fonte nº 1, além de analisar a apropriação da euforia com o futebol por parte do governo Médici, dá alguns sinais de também concordar tal medida popularizante, na medida em que não critica essa ação e enaltece a possibilidade de a população não contestar o regime.

Uma primeira evidência é o próprio título da matéria, “A Imagem do Sucesso”, que se furta a questionar a associação construída entre o êxito no futebol e o governo Médici. Assim, embora essa construção seja analisada no texto, quando se trata do planejamento de estratégias de popularização por parte da agência de relações públicas do governo, o título não critica esse atrelamento, pois se subentende que o general representaria, como “imagem”, o suposto “sucesso” brasileiro.

Outro elemento, na mesma linha, está no elogio ao atrelamento em questão. O título de uma das seções do texto, na página 20, se denomina “A feliz associação”. Ainda que o trecho trate das recomendações de especialistas em comunicações de massas e de como as posturas de Médici convirjam com elas, fato ao qual o título faz referência, o “feliz” referido também pode denota uma valorização dessa coincidência. Logo, o texto julgaria a associação como positiva em si, independentemente de ser benéfica também para o governo.

[**Complementando:** Um terceiro elemento é a legenda da foto da página 20, em que o general levanta a taça: “Médici: todos gostariam de imitá-lo”. A imitação aludida pode se referir tanto à de conquista da Copa do Mundo, circunstância favorável ao crescimento da popularidade do governo, tanto ao próprio governo de Médici. Nesse segundo caso, pode-se notar um viés de legitimação do regime em questão.

Outra evidência está na legenda da foto de um dos assessores de Médici (p. 22) que diz: “Manso Neto: entendimento com o povo”. Ao dar espaço para que o assessor exponha sua visão acerca de políticas que visem popularizar o governo, a matéria acaba por justificar e reproduzir a visão oficial do regime sobre elas. A ideia de entendimento sugere um espaço de diálogo, possui uma carga valorativa positiva e sugere uma postura democrática por parte do Estado. Não obstante, as possibilidades de popularização governamental, em uma ditadura, não têm o cunho de interlocução entre representantes e representados, como em uma democracia, e podem tender para a cooptação de setores da população.]

4) Por mais que textos jornalísticos busquem ser estritamente objetivos, sempre denotam alguma opinião ou posicionamento político-social, pela maneira que abordam os fatos – selecionando o que vai relatar ou omitir, pela caracterização que faz etc.. Na sua interpretação, a matéria concebe o regime militar vigente como claramente ditatorial? Comprove com elementos da matéria.

R: É possível dizer que o texto jornalístico identifica o regime político vigente como não democrático, porém suaviza seu caráter ditatorial. Faz-se menção a uma suposta promessa de redemocratização que Médici encamparia (p. 22) – logo, afirma-se implicitamente que não se vivia um regime democrático – e ao Ato Institucional nº 5 (1968) (*idem*), que reconhece como autoritário. Por outro lado, o recorrente uso do adjetivo “revolucionário” para se referir aos governos pós 1964 demonstra uma adesão à versão oficial do regime sobre a tomada do poder naquele ano, pois tal era forma que os

governos militares se autodenominavam oficialmente – em oposição à ideia de golpe de Estado.

Além disso, pode-se interpretar que a cobertura da matéria dos esforços de popularização por parte agência de relações públicas presidenciais poderia pressupor que o governo, procurando obter o reconhecimento da população e legitimação junto a ela, não seria autoritário, uma vez que dependeria da aprovação popular. No mesmo sentido, a qualificação de atitudes pessoais de Médici como simpáticas e próximas ao público – a exemplo da abertura dos jardins do Palácio da Alvorada para celebrar a Copa do Mundo junto a outros torcedores, caracterizados como “povo” (p. 20) – o distanciam da imagem de arbitrariedade que envolveria a figura de um ditador.

Discussão coletiva (tempo estimado: 20 minutos)

Após os grupos terminarem, o(a) professor(a) deve coordenar uma discussão coletiva a partir das respostas. Conforme as diferentes interpretações que gradualmente serão manifestadas, o docente pode elencar vários elementos do texto para complementar as análises dos alunos, e, por conseguinte, reforçar a riqueza de detalhes da fonte. Além disso, sendo o futebol um elemento extremamente presente no cotidiano da população, é bem provável que os alunos tenham ótimas contribuições com relação ao impacto da Copa do Mundo na cultura popular brasileira.

Em seguida, o(a) professor(a) deve expor e explicar as respostas sugeridas, enfatizando os aspectos sutis que permitem que se identifique na matéria certa simpatia com as medidas de propaganda promoção e legitimação do governo, mesmo que a matéria não seja panfletária ou abertamente partidária do regime. Também é preciso afirmar que no início da década de 1970, consideráveis setores da população – incentivados pela propaganda governamental – relacionavam intimamente os êxitos futebolísticos, o crescimento econômico do país e um nacionalismo que enaltecia o regime militar vigente. Dessa relação, popularizaram-se *slogans* como “Brasil Grande” e “Este é um país que vai pra frente”.

AULA 2

Discussão coletiva (tempo estimado: 10 minutos)

Para iniciar esta aula, propõe-se que o(a) professor(a) estimule os alunos a refletirem se toda a imprensa adotaria posição semelhante à da primeira fonte em relação ao regime político vigente no Brasil, na época. Afinal, vivia-se sob um governo autoritário que se valia de recursos legais e ilegais para cercear opositores e suspeitos¹. A repressão oficial solaparia qualquer sopro de crítica na mídia? Ou haveria brechas para a circulação de ideias e posições contestatórias?

Introduz-se, assim, a fonte nº 2, a qual, como se verá, é duramente contrária à situação socioeconômica do país à época. A análise desta fonte pode ser feita coletivamente, porém sugere-se que a análise e as tentativas de interpretação sejam feitas exclusivamente pelos estudantes, cabendo ao(à) professor(a) orientar a análise com o roteiro de perguntas que apresentaremos e ir “amarrando” a discussão, ou seja, corroborando interpretações adequadas feitas pelos alunos e fazer um elo entre elas.

Antes de se passar à charge, porém, é recomendável orientar a classe com alguns cuidados metodológicos para a interpretação de imagens². Espera-se que tais procedimentos já tenham sido trabalhados em sala anteriormente, contudo, sempre é adequado ressaltá-los, ainda que brevemente.



Fonte nº 2

Análise coletiva

¹ Caso se queira fornecer aos estudantes mais informações a respeito, sugere-se o site: <<http://memoriasdaditadura.org.br/repressao-legal-e-ilegal/>>. Acesso em 01/10/2015.

² Ver E) Material de apoio

Roteiro de análise da fonte nº 2 (tempo estimado: 20 a 30 minutos)

Obs.: Abaixo de cada pergunta, deixamos respostas sugeridas em **vermelho**

1) Quais os elementos compõem a imagem e o texto da charge?

R: Ver descrição da fonte no item B) – Anexos

2) Quais são o perfil socioeconômico das personagens e a região retratadas? Como é possível deduzi-los?

R: *Idem*

3) Alguma região brasileira semelhante à retratada na imagem também é abordada na fonte nº1? Se sim, de que forma? A abordagem seria semelhante à da charge?

R: Regiões áridas, como a retratada na charge, são mencionadas na matéria da revista *Veja*. Menciona-se a viagem de Médici ao nordeste para “verificar pessoalmente (...) os problemas provocados pela seca [*sic*]” (p. 19). A respeito dessa mesma viagem, ressalta-se a assim dita determinação do general em realizar medidas e estabelecer compromissos para que a seca seja enfrentada (p. 21)

Enquanto o texto dá atenção às promessas e aos supostos esforços de Médici no combate à seca, o cartum indica a gravidade desse problema social – destacando seu impacto negativo na sobrevivência de camponeses – e mostra que não teria sido resolvido ou sequer assistido pelo poder público. Dessa forma, a primeira fonte assume um posicionamento mais apologético a Médici no que diz respeito a essa questão, ao passo que a segunda critica o descaso do governo.

4) A que problemas sociais, a charge alude? Por quais elementos? Esses problemas são circunstanciais ou profundos?

R: Ver descrição da fonte no item B) – Anexos

5) A charge estabelece intertextualidade com o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Há no cartum diálogo com outras obras?

R: Nesta questão, o(a) professor(a) deve apresentar duas obras com as quais a charge dialoga. São elas o quadro *Retirantes*, de Portinari e o livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Quanto à primeira, devem-se mencionar as semelhanças de agrupamento das personagens, o fato de constituírem uma família, a marca em ambas as obras de uma grande precariedade material e fragilidade física. Quanto à segunda, pode-se supor que

o cão na porção direita da charge seja uma referência à personagem Baleia em *Vidas Secas*, animal que acompanha a família em torno da qual gira o romance. Entre outras produções literárias que também tratam da seca, também poderia se apontar *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. O intuito de apresentar essas intertextualidades é reforçar a enorme dimensão e enraizamento da questão social da seca e mostrar que várias obras-primas antigas corroboram a visão de Jaguar.

Sugerimos que o(a) professor(a) exiba a obra de Portinari (em reprodução ou *datashow*) e leia um trecho de *Vidas Secas*³, destacando a angústia e impotência humana diante da miséria e da seca.

6) Qual a mensagem do trecho do poema na charge? Qual é o efeito de significado da associação entre o poema e a ilustração? Qual a mensagem que se transmite sobre a comoção com a Copa do Mundo?

R: O trecho do poema presente na charge trata de um impasse no qual o interlocutor do eu-lírico, José, enfrenta uma situação de desolamento e solidão – pelas menções a uma recente desagregação, em “a festa acabou (...) o povo sumiu” – e diante de um futuro dificultoso – esboçado pela ideia de esfriamento da noite e pelo apagamento de uma luz. Nesse cenário, se transmite a ideia de inexorabilidade da situação vivida e de impotência para transformá-la, o que se vê na recorrente repetição do questionamento “E agora (...)?”

A relação do poema com a ilustração atribui a falta de perspectiva apresentada no primeiro às personagens da segunda, a saber, camponeses brasileiros que enfrentam a seca, a pobreza e a falta de infraestrutura básica. Na medida em que a personagem central da charge expressa um nacionalismo associado à torcida pela seleção brasileira, se ironizam o otimismo e a euforia com o futebol e com a Copa do Mundo. As alegrias trazidas por esta seriam, segundo Jaguar, apenas efêmeras perante o enraizamento de problemas sociais no país, desassistidos pelo governo.

[Nesta etapa da análise coletiva da imagem, o professor deve estimular os estudantes a não considerarem a charge como uma crítica à alienação em relação à política que supostamente o futebol produziria. Tal ideia pode pressupor a incapacidade de um indivíduo apreciar o esporte e também refletir politicamente, além de poder carregar uma demofobia, isto é, preconceito contra aquilo que tem apelo popular, como o

³ Ver E) Material de apoio

futebol. Além disso, a charge não critica o nacionalismo e o gosto da personagem pelo esporte, mas o fato de esse ser inócuo diante de imensos problemas sociais.]

Discussão coletiva e exposição do professor (tempo estimado: 10 a 20 minutos)

Após a conclusão da análise da segunda fonte, o(a) professor(a) deve pedir aos estudantes que contraponham a matéria da revista *Veja* e a charge de Jaguar quanto à visão que apresentam acerca do país e da Copa do Mundo. Essa discussão os preparará para a terceira aula da sequência didática, na qual se compararão os perfis editoriais dos dois veículos de comunicação aqui trabalhados. Após algumas respostas, o(a) professor(a) pode iniciar as considerações a seguir.

Pode-se dizer que a primeira fonte, ao tratar das ações oficiais do governo federal, seja na recepção aos jogadores de futebol, seja nas ações de propaganda institucional, acaba por abordar um Brasil moderno e urbano, centrado em Brasília, que assiste a uma grande aglomeração por ocasião da celebração da Copa. Tratando da euforia com o futebol – possivelmente também estendida ao governo de Médici –, se compõe uma visão otimista do país. Mesmo em se mencionando o problema da seca no Nordeste, o texto acaba por destacar as promessas de Médici para tentar resolvê-lo. Desse modo, se passa a imagem de que o país seria algo uno e seus problemas sociais estariam sendo combatidos adequadamente pela administração federal.

Já a segunda fonte se opõe a essa noção de que o Brasil seria moderno, coeso e que estaria solucionando problemas sociais como o da seca. Mostra-se que camponeses sofrem com a aridez, a dificuldade de acesso a terras agriculturáveis e a falta de infraestrutura de educação básica, questões que, dada a desolação das personagens, não parecem facilmente resolvidas. Portanto, essas populações camponesas estariam longe de se integrar à faceta moderna do Brasil.

Quanto à Copa do Mundo, o texto da *Veja* mostra que a euforia com o esporte foi objeto de interesse político do governo Médici, para estreitar a comunicação com parcelas da população e para enaltecer o regime vigente, difundindo um otimismo em relação ao país. Por outro lado, o cartum de Jaguar concebe a torcida pela seleção de futebol como um escapismo efêmero para inúmeros brasileiros desamparados pelo governo diante de devastadoras mazelas sociais.

AULA 3 (contém tempo de reserva para resolução de dúvidas)

Exposição do professor (tempo estimado: 20 minutos)

Nesta aula se examinarão as diferenças editoriais entre *O Pasquim* e *Veja*, a partir das diferentes perspectivas tratadas na última aula. Objetiva-se mostrar que as diferentes fontes vieram a ser divulgadas em publicações de diferentes perfis.

O Pasquim, tabloide humorístico e cultural fundado em 1969 no Rio de Janeiro, tinha como sua marca principal um estilo menos sisudo, mais irreverente e um humor fortemente politizado, utilizado como forma de driblar a censura e de cativar um público mais jovem, de esquerda e crítico ao regime militar – para apresentar essas características, podem-se mostrar tirinhas, excertos e trocadilhos do semanário. A informalidade do semanário também era característica de sua administração, improvisada, pouco profissionalizada e sujeita a desavenças internas.

A publicação se inseria no fenômeno jornalístico da chamada “imprensa alternativa”, que marcou as décadas de 1960 e 1970 no país e reunia publicações heterogêneas e ligados a grupos sociais diferentes – acadêmicos, homossexuais, jovens, comunistas, operários – mas que em comum eram contra a ditadura e, no geral, tinham pouca circulação e duração – *O Pasquim* foi uma exceção, pois atingiu uma impressionante tiragem de 250 mil exemplares, mesmo tendo começado pequeno (GASPARI, 2002, p. 219). Nesse sentido, deve-se frisar que os jornais “alternativos”, estavam sujeitos à repressão oficial. No caso de *O Pasquim*, Jaguar, entre outros colegas, foi preso em 1970 por conta da publicação da charge que é a fonte nº 2 (JAGUAR; AUGUSTO, 2006) – fato que sinaliza a dificuldade em se fazer um jornalismo de oposição na época.

Em contraste, a revista semanal *Veja* – que pretendia fazer um jornalismo de informação que contextualizasse as notícias (COELHO; VALLE, 2008, p. 143) – surgida em 1968, tinha propósitos muito mais comerciais, visto que integrava a editora Abril, responsável por inúmeras publicações na época. Assim, diferentemente de *O Pasquim*, a revista foi lançada com grandes aportes publicitários e investimentos, além de adotar um estilo mais convencional, acessível ao grande público, e com farto uso de imagens (*Ibidem*, p. 139). Além disso, por mais que alguns de seus jornalistas fossem engajados, a publicação não se pautava pela oposição ao regime. Pelo contrário, visava

prioritariamente sua viabilidade empresarial, apelando por vezes a um jornalismo de entretenimento.

A partir da verificação desses dois perfis, pode-se entender a maior propensão a um veículo como *O Pasquim* se opor deliberadamente à ditadura militar – como na charge estudada –, visto que essa posição era compartilhada com boa parte de seu público e que o jornal nasceu com esse propósito. Por seu turno, as possibilidades da *Veja* e da grande imprensa criticar o regime eram menores, uma vez que, diante das preocupações em torno de sua viabilidade econômica, as possibilidades de retaliação oficial – como a censura ou a perseguição a seus jornalistas – poderia trazer prejuízos. Igualmente, uma linha editorial oposicionista poderia trazer dificuldades para entrevistar governantes – recurso válido pela matéria “A Imagem do Sucesso” – e fundamental para o jornalismo político. Assim, não se deve comparar *O Pasquim* e *Veja* de forma maniqueísta. O que se deve frisar, contudo, é que na imprensa da época havia vozes de resistência à ditadura, apesar de todo o autoritarismo da época.

Conclusão da sequência didática (tempo estimado: 20 minutos)

Retomando as diferenças entre os dois documentos e relacionando-as com os perfis acima expostos, o(a) professor(a) deve relembrar a classe de que diferentes agentes sociais podem expressar visões e abordagens distintas sobre um mesmo fenômeno, no caso, a vitória brasileira no futebol. E se deve dizer que este, por sua vez, não é isolado de questões sociais, podendo ter uma grande interface com a política.

Para reforçar essa conexão entre o esporte e a política, sugere-se que se aborde um evento relativamente recente, a Copa do Mundo de 2014, organizada no Brasil. O professor pode instigar para que os alunos se recordem dos antecedentes do evento, que provavelmente se lembrarão de diversas reações em relação a ele: desde a euforia das propagandas comerciais de patrocinadoras do evento até a apreensão sobre a possível desorganização urbana no período do torneio.

Em seguida, o professor deve lembrar que a Copa do Brasil também foi lida em chave política, assim como nas fontes de 1970 analisadas. Para tanto, deve apresentar uma fotografia⁴ de um protesto de 2014, em que se lê em um cartaz “Copa é prioridade, Brasil?” e estimular os estudantes a perceber os paralelos com a charge de *O Pasquim*:

⁴ Ver E) Material de apoio

em ambos os casos se questiona a celebração do esporte na medida em que se reivindicam outras “prioridades” não cumpridas no país, como os problemas sociais aludidos por Jaguar. Por outro lado, também se pode dizer que governos municipais, estaduais e federal se apropriaram da Copa. Ainda que não tenham capitalizado politicamente a euforia popular, como Médici buscou fazer, procuraram exaltar o “legado da Copa” – a infraestrutura esportiva, urbana e de transportes construída em função do campeonato – como justificativa para o evento e como benéfica à população.

Portanto, mesmo que se viva hoje um contexto político democrático radicalmente distinto do período da ditadura militar e em que o Estado não pode praticar a censura ou repressão extralegal, ainda se pode notar um uso político do futebol. Reforça-se, assim, como o esporte não é algo apartado da sociedade e da política.

ANEXOS

C) DESCRIÇÃO DAS FONTES

1) A primeira fonte a ser utilizada é o texto “A Imagem do Sucesso”, matéria – não assinada – de capa da Revista *Veja* nº 95, do dia primeiro de junho de 1970⁵, pp. 18-23. A matéria tem como mote a recepção do general Emílio Garrastazu Médici nas residências oficiais da Presidência aos brasileiros campeões da Copa do Mundo de futebol daquele ano. A partir disso, o texto versa sobre o movimento do militar em capitalizar a euforia com o futebol para angariar popularidade ao seu governo e ao regime vigente. Embora não seja nosso objeto de análise, é importante destacar que a matéria seguinte na mesma edição (pp. 24-29), intitulada “O sucesso da imagem” – em evidente paralelismo com o título da reportagem anterior – trata dos festejos em outras cidades brasileiras pelo torneio. Isso dá ensejo para se abordar uma onda de patriotismo que o futebol teria despertado de maneira supostamente espontânea em setores da população – em diversas cidades brasileiras – e da associação desse nacionalismo com a aprovação ao regime militar vigente. Dessa forma, se busca estabelecer uma continuidade entre as duas matérias, ambas concernindo ao elo entre a imagem pública do governo e o contentamento com o esporte.

⁵ Disponível no acervo digital da revista, por meio da busca por edição: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>> (Acesso em 05/08/2015)

A matéria é dividida em sete segmentos, em sua maioria, de tamanho semelhante.

O primeiro inicia-se após uma epígrafe, que consiste em uma citação atribuída a Napoleão Bonaparte: “Que é o governo? Nada, se não dispor da opinião pública”. Nessa parte, o texto relata a chegada de Médici, acompanhado de sua família, ao Palácio do Planalto para a recepção aos campeões mundiais e informa que havia uma multidão de setenta mil pessoas no entorno do palácio, que o aplaudiu calorosamente. Segundo a reportagem, alguns assessores de Médici sugeriram, a despeito de a concentração visar celebrar o futebol, esses aplausos seriam “uma evidente demonstração de simpatia popular ao govêrno [*sic*]”.

O segundo segmento tem como título “O prêmio desejado” e prossegue tratando da hipótese de apoio popular por parte da concentração de pessoas. Acrescenta-se que essa aprovação poderia estar associada ao reconhecimento de Médici como “cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia-se transformado.” Ainda, se diz que a opção de realizar a festa pelo tricampeonato da Copa na Praça dos Três Poderes foi uma decisão presidencial de improviso e que, embora sofresse oposição de alguns governantes, favoreceu a reunião de uma multidão.

O terceiro, intitulado “O perigo de ferir”, dando sequência ao tema, afirma que as oposições à realização da festa no Planalto temiam a segurança do general ou que esse tivesse uma recepção fria. Diz-se, todavia, que o próprio Médici decidiu pelo palácio como sede da celebração oficial. Quanto à segurança do evento, afirma-se que ela foi esquematizada de maneira flexível, amistosa e que as “manifestações populares amorteciam” demais preocupações com a segurança. Assim como nos segmentos anteriores, ressalta-se uma surpresa com a espontaneidade do apoio dos presentes.

O quarto segmento, “Festa sem perigo”, retomando a ideia de Médici como “torcedor-símbolo”, sustenta que o militar já havia explicitado grande entusiasmo com o futebol na final da Copa do Mundo – dias antes da recepção ao time campeão. Nessa ocasião, um grupo de pessoas já havia ido até o Palácio da Alvorada e ele decidiu abrir as portas da residência para comemorem juntos, em grande informalidade. Neste segmento da matéria, também se caracteriza a aglomeração da recepção aos futebolistas como “a maior concentração popular dos dez anos de Brasília”. Além disso, compara-se a postura de Médici como presidentes brasileiros anteriores também em exercício durante a conquista de um campeonato mundial: o general nunca teria se eximido de tratar de assuntos presidenciais após a vitória, como fizera Juscelino Kubitschek,

segundo a reportagem. Reafirma-se, por outro lado, a identificação do militar com a Copa, qualificada como maior que a dos seus antecessores.

A quinta parte – menos extensa –, nomeada de “A feliz associação”, tem como tema as estratégias de comunicação de massas, respaldadas por especialistas estadunidenses, segundo a matéria, para conquista da opinião pública por parte de um governante: esse deveria se associar a “fatos que provocam júbilo popular”, ao passo que “acontecimentos trágicos” demandariam uma clara reprovação, associada da promessa de solução firme. A matéria aponta que Médici teria se portado de tais maneiras, celebrando a Copa do Mundo e, no Nordeste, prometendo medidas contra a seca.

A sexta parte, chamada de “Popularidade revolucionária”, a peça jornalística levanta a tese de que Médici encarnaria a “popularidade revolucionária [*sic*]” – em menção ao regime instituído pelo golpe de Estado de 1964 –, atribuída à estabilidade econômica durante seu governo, à promessa de redemocratização e um perfil pessoal que mesclaria austeridade e comunicabilidade, transmitindo a imagem de um governante. Nesta parte da matéria, também se explicita o objetivo da Assessoria de Relações Públicas da Presidência de ter canais de divulgação das ações governamentais, como filmes exibidos na televisão e nos cinemas. Segundo a reportagem, os idealizadores dessa iniciativa concebem-na como não como uma “propaganda convencional”, mas uma “tentativa de criação de um clima de otimismo”, colaborando com “a educação moral e cívica do povo”.

O último segmento, por fim, é denominado “A imagem cuidadosa”, desdobra o tema das estratégias de comunicação que visam a maior popularidade da imagem de Médici e do governo. Destaca-se o fato de as campanhas serem minuciosamente estudadas e relativamente econômicas e que, mesmo que algumas tenham malogrado junto ao público, certamente outras viriam a poder usufruir da euforia com a seleção nacional de futebol como uma “ponte entre o governo [*sic*] e o povo”. Afirma-se, no mesmo sentido, que a “ameaça do terrorismo e da subversão”, por envolver um pequeno número de pessoas, não seria um empecilho para a comunicação governamental.

A matéria já esmiuçada também contém algumas fotografias, de diferentes tamanhos.

A primeira é em branco e preto e ocupa a página 18 inteira e uma franja da 19, tem como legenda “Médici no Alvorada: como bom torcedor, com a bandeira em punho”. Mostra algumas pessoas em um salão da residência presidencial, estando no

centro da foto o general segurando uma bandeira grande, com as duas mãos e com um expressão facial alegre.

A segunda, na página 20, em branco e preto ocupa o espaço de um terço de uma das três colunas da página e mostra Médici levantando a taça “Jules Rimet” ao lado do jogador Carlos Alberto Silva, capitão do time brasileiro campeão. A legenda diz: “Médici: todos gostariam de imitá-lo”.

Já a página 21 contém quatro fotografias, todas coloridas. Metade da página é destinada às de número 1, 2 e 4 – em sentido horário – e a outra metade possui a terceira. A primeira revela pessoas esperando na pista de um aeroporto a descida dos jogadores brasileiros de um avião, em que se vê um letreiro escrito “Brasil”. A segunda retrata o desfile dos campeões, em cima de um caminhão, em uma via de trânsito. A terceira enfoca a multidão de pessoas diante do Palácio do Planalto para a celebração oficial da conquista da Copa do Mundo. A quarta mostra um conjunto de pessoas sobre um carro, com bandeiras brasileiras, esperando os campeões do futebol passarem por uma avenida. A legenda comum a todas essas imagens é: “Brasília, 23 de junho, 13 horas – o capitão Carlos Alberto surge na porta do Boeing que trouxe nossos campeões e ergue a taça Jules Rimet para o Brasil. Do aeroporto ao Palácio do Planalto, 16 quilômetros de aplausos; de pé à beira do Eixo (direita) [foto 2] ou sobre [sic] carros (esquerda) [foto 4], 150 000 brasilienses felizes. Diante do palácio, 70 000 aclamaram os jogadores. Desde a inauguração de Brasília, em 1960, nunca tanta gente se juntou na Praça dos Três Poderes.”

Na página 22, temos, à semelhança da página 20, uma pequena foto em branco e preto. Dessa vez, retrata o Coronel Manso Neto um assessor de Médici responsável pelos canais de comunicação governamental com a população. Tem como legenda: “Manso Neto: entendimento com o povo”.

Por fim, a página 23, como a página 21, é toda dedicada a fotos coloridas. A primeira – em sentido horário – mostra Médici, uma criança com uma bola no braço e outra pessoa em uma mesa com refeições. Sua legenda informa: “Carlos Alberto, o Presidente Garrastazu Médici e seu neto no almoço informal da Alvorada: enquanto todos comiam galinha, Zagalo recebeu macarrão, homenagem à última vitória.” A segunda foto retrata algumas pessoas, que se pode inferir serem membros da seleção ou autoridades. Já a terceira, mostra Médici e o jogador Pelé conversando. A legenda para ambas as fotos diz: “Garrastazu Médici e Pelé (abaixo) [foto 3]. Jarbas Passarinho e

Zagalo (direita) [foto 2]: como todos torcedores, o Presidente e o ministro querem conhecer as peripécias da conquista no México”.

2) A segunda consiste em uma charge, sem título, feita pelo cartunista Jaguar e publicada no tabloide carioca *O Pasquim* de 13 de agosto de 1970 (JAGUAR; AUGUSTO, 2006). Para descrevermos esse objeto iconográfico, primeiro atentaremos aos diferentes elementos que o compõem e os separaremos. Em seguida, vamos caracterizá-los mais minuciosamente, deduzindo o que significam.

O primeiro elemento do cartum é um desenho. Este retrata, em sua maior porção e em primeiro plano, um conjunto composto por um cão e oito pessoas. Do lado esquerdo da ilustração, estão representadas uma mulher segurando um bebê e, ao seu lado, uma criança. Do lado direito da charge, se encontra um grupo de quatro crianças, próximo do qual está um pequeno cão. Entre esses dois grupos, se encontra um homem, portando com o braço direito, abaixado, uma reprodução da bandeira brasileira e, com o esquerdo, flexionado, um cartaz. Em um segundo plano, delineia-se uma paisagem rural com poucos elementos: um suave relevo – indicado por um traçado de lápis, apenas – e uma pequena casa, que parece ser feita de madeira, apenas com um porta, uma janela e uma chaminé – da qual saem um pouco de fumaça. Em torno dessa construção, há um pequeno mato.

Abaixo da ilustração do cartum, verifica-se um segundo elemento: um excerto, entre aspas, de um poema de Carlos Drummond de Andrade. Esse trecho contém os versos: “E agora José?/A festa acabou,/A luz apagou,/O povo sumiu,/ A lua esfriou,/E agora, José”.

Passemos a caracterizar mais profundamente o desenho da charge. Pelo fato de o agrupamento de pessoas possuir apenas dois adultos, um homem e outra mulher, e o restante das personagens humanas serem crianças, podemos deduzir que esse conjunto de pessoas configura uma família nuclear.

Todas as pessoas presentes na ilustração estão descalças e com vestuário bastante precário. O homem central está com uma camisa sem ornamentos veste uma calça curta, suja, em fiapos e remendada, semelhante ao calção das crianças do gênero masculino. Essas, por sua vez, se encontram sem camisa. A criança do gênero feminino e a mulher portam vestidos não adornados e não bem preservados, o que se pode notar por sua opacidade e algumas partes desgastadas. Esses aspectos apontam para uma situação de carência por parte das personagens.

Outro sinal que corrobora esse cenário é a condição física dos indivíduos retratados, denotando uma péssima saúde e um duro cotidiano de miséria que esses enfrentam. Os corpos das crianças são raquíticos, com ossos salientes e músculos extremamente frágeis, indicando a desnutrição dessas. Além disso, elas parecem ter barrigas levemente estufadas – fato que alude provavelmente à contração de alguma verminose, o que, por sua vez, sugere ausência de saneamento básico adequado. O homem e a mulher também não gozam de vigor físico, tendo braços finíssimos, como os das crianças.

Pode-se associar a esses sinais de extrema pobreza a paisagem da ilustração. Além de ser apresentada apenas uma casa, enormemente modesta, fato a reforçar a percepção de que um contexto de miséria envolve as personagens, não se representa nenhum tipo de plantação ou terreno fértil na ilustração. Em se tratando de um espaço rural, isso pode ser fruto de uma situação de seca, que minguava ainda mais a disponibilidade recursos para uma família que vive no campo. Analogamente, a pequena casa e a não delimitação de terras que seriam propriedade das personagens na charge podem indicar a dificuldade de acesso a um terreno fértil em que se possa praticar a agricultura familiar.

A enorme pobreza retratada pode estar relacionada à expressão fisionômica das personagens do cartum. Seus rostos, fracos, esqueléticos, contorcidos e sem músculos fortes, comportam faces agoniadas, desesperançadas, perturbadas – o que os olhos arregalados bem exemplificam – e passivas de uma grande angústia. Podemos deduzir que esses sentimentos decorrem de uma imensa dificuldade para sobreviver.

A seca e a pobreza no campo são fatos plenamente associáveis ao Brasil da década de 1970, época de produção da charge. Considerando ainda que nessa uma personagem carrega uma bandeira brasileira, pode-se associar facilmente o conteúdo da charge aos problemas sociais de regiões como o interior do Nordeste do país. Assim, podemos concluir que a charge busca tratar da realidade presente nessas regiões.

Por fim, o cartaz carregado pela personagem homem da charge carrega a mensagem “Avante seleção”, em letras de forma e com a letra “n” invertida. O assunto da placa diz respeito, pelo contexto, à euforia e otimismo com a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970. No entanto, a forma da escrita do anúncio pode revelar outro problema social, além dos já elencados: o da baixa escolaridade – notado na opção de escrita em letra não cursiva e no formato inadequado da letra “n”, conforme a norma culta do Português.

D) MÉTODOS E ESTRATÉGIAS

Serão empregadas aulas expositivas e análises de fontes, conduzidas, por sua vez, com base em roteiros de questões. Algumas instruções aos educadores estão contidas na sequência didática.

E) MATERIAL DE APOIO

- Orientações para análise iconográfica

“No estudo da História, as imagens são fontes documentais de extrema importância, pois preservam “congelados” fragmentos da representação de um mundo visível passado e, como tal, guardam em si um universo simbólico de significações de determinado tempo e espaço. Assim, não podemos olhar para essas imagens apenas utilizando nosso universo cultural. Precisamos de pontos de referência contextualizados na trama histórica, em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos e culturais para, então, iniciar a leitura de certa imagem. Para análise, é necessário considerar o contexto histórico-social de sua produção, bem como os aspectos técnicos, o autor (emissor) e o público (receptor) que participaram de sua criação. Tendo essa premissa como base, podemos buscar entender a finalidade da imagem e identificar o seu significado.” (KUSZKA; MENDES, 2007)

Recomendam-se os procedimentos de leitura de imagens abaixo enumerados para orientação aos alunos. Ainda que se possam cumprir alguns desses procedimentos, uma vez já familiarizados, de maneira rápida ou automática, sua realização é extremamente útil para análises imagéticas.

1. Levantamento das sensações causadas pela imagem
2. Observação geral da imagem (do todo ao particular)
3. Identificação do tipo de imagem que é observada: pintura, escultura, objeto, fotografia, charge, desenho, gravura, cinema etc.

4. Identificação da época em que foi produzida a imagem e, se possível, por quem foi produzida.
5. Verificação dos diferentes elementos que compõem a imagem: personagens, objetos, paisagem, ações, vestimentas
6. Verificação dos elementos centrais da imagem e se estão em destaque na composição
7. Verificação dos “espaços laterais”, aquilo que está mais distante do centro e do primeiro plano, ao fundo, embaixo ou no alto
8. Verificação de espaços fechados ou abertos na imagem
9. Percepção de como os diferentes elementos da obra estão representados
10. Verificação de personagens ou figuras ocultas ou encobertas
11. Identificação das ações principais e secundárias que estão representadas na imagem
12. Percepção das expressões faciais, posturas e atitudes dos personagens
13. Identificação do tema ou do assunto da imagem
14. Interpretação da composição visual considerando as informações anteriores” (*Ibidem, idem*)

Caso o(a) professor(a) deseje se aprofundar na discussão acerca da análise de fontes visuais em História, encoraja-se a leitura do artigo “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”, de Ulpiano Menezes (2003)

- Intertextualidades



Portinari, Cândido. *Retirantes*. Óleo sobre tela, 190x180, 1944

Trecho de *Vidas Secas*, em que a família busca fugir as seca, procurando trabalho em uma fazenda:

“Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.” (RAMOS, 2011, p. 12)

- Fotografia de protesto contra a Copa do Mundo de 2014



Cartaz de manifestante em protesto do dia 14/06/2013 contra a Copa do Mundo, em São Paulo⁶

- Bibliografia por tema recomendada e comentada (porventura podem ser indicadas aos estudantes que desejem se aprofundar no tema)

A Ditadura Militar em seu período de maior autoritarismo (1968-1974)

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2003

Esta obra examina a fase da Ditadura militar brasileira que será abordada nesta sequência didática: o período dos “anos de chumbo”, de 1969 a 1973, que concentrou a maior repressão por parte do regime a seus opositores. O capítulo “O Milagre e a

⁶ < <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/copa-das-confederacoes/2013/06/14/manifestacao-contr-a-copa-em-sao-paulo.htm#fotoNav=5> > Acesso em 01/10/2015

Mordaça” da obra trata da censura e da imprensa na época, abarcando tanto a revista *Veja* como *O Pasquim*, fontes deste plano de aula.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda. Jornalistas e censores*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2004

Este livro aborda o funcionamento dos instrumentos e legislações de censura à imprensa e às artes, durante o regime militar, intensificada pelo Ato Institucional nº5, de 1968, até 1975, quando se iniciava uma lenta gradual e restrita abertura democrática. Além da censura oficial, a obra também analisa a prática de autocensura por parte de muitos jornalistas, o que reforçava os limites ao acesso à informação no país. Desse modo, o trabalho de Kushnir pode ajudar o professor um aprofundar sobre as restrições e dificuldade que à oposição sofria na mídia.

A resistência à ditadura militar no campo da cultura

NAPOLITANO, Marcos. “O ‘tesouro perdido’: a resistência no campo da cultura (Brasil 1969/1976)”. In: DUARTE, André et. al (org.). *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004

Neste artigo, indicam-se diferentes vertentes da resistência à ditadura militar no campo da cultura, problematizando a ideia que a oposição democrática ao regime vigente teria sido um fenômeno uno. Assim, é possível aproximar diferentes publicações alternativas da época com correntes divergentes, como a dos comunistas e a das subculturas jovens ligadas ao campo da contracultura.

O Pasquim e a imprensa alternativa

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: Editora UnB, 1991

O livro aborda em três frentes a história d’*O Pasquim*. A primeira trata de sua cronologia, mostrando suas origens, suas modificações, suas diferentes gerações de

integrantes e seu êxito e declínio editorial. A segunda visa analisar a construção jornalística de suas matérias, abordando desde os elementos gráficos até estratégias estilísticas e opinativas. Já a terceira, perscruta o “lugar da fala” do jornal no contexto social e político pós- Ato Institucional nº 5 (1969), identificando o público-alvo da publicação, sua oposição à grande imprensa e à Ditadura Militar e a relação com pautas ascendentes como as feministas e ecológicas.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991

A obra se detém sobre diversos periódicos alternativos durante o período da Ditadura Militar. Além de *O Pasquim*, é possível conhecer outras publicações de boa circulação – como *Movimento*, *Opinião* e – e o perfil de cada uma delas.

STEFANELLI, Roberto. *O Pasquim, a subversão do humor*. TV Câmara, 2004 (<<https://www.youtube.com/watch?v=NugIEjMFcJA>> acesso em 05/09/2015)

Documentário que apresenta a história do semanário *O Pasquim*, abordando sua proposta jornalística que combinava humor, irreverência e oposição política ao regime militar. O filme trata do surgimento, auge e a repressão sofrida pelo tabloide. Além disso, apresenta excertos do jornal, bem como depoimentos de seus integrantes e leitores.

CHILSON, Louis. *O Pasquim – a Revolução pelo cartum*. TV SENAC, 1999 (<[TTPS://www.youtube.com/watch?v=K1Jr2ipV3c](https://www.youtube.com/watch?v=K1Jr2ipV3c)> acesso em 05/09/2015)

Em uma conversa informal, os fundadores de *O Pasquim* relatam os bastidores da redação do jornal e comentam as inovações que ele trouxe para o humor e a linguagem jornalística.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, 2011. *Protagonistas desta História – Coleção Resistir é preciso* (<<http://resistirepreciso.org.br/protagonistas-dessa-historia/>> acesso em 05/09/2015)

Esse conjunto de vídeos traz depoimentos audiovisuais de integrantes de diversos periódicos alternativos, clandestinos e no exílio que circularam durante a Ditadura Militar brasileira.

CARVALHO, Ricardo (coord); DEL ROIO, José Luiz; SACCHETTA, Vladimir; OLIVEIRA, José Maurício. *As capas desta história. A imprensa alternativa, clandestina e no exílio, no período 1964-1979 (do Golpe à Anistia)* – Coleção *Resistir é preciso*. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2011 (<<http://resistirepreciso.org.br/as-capas-desta-historia/>> acesso em 05/09/2015)

O livro traz capas e trechos de diversos jornais alternativos, clandestinos e no exílio. Fornece um farto material iconográfico para apresentar à classe de outros representantes da imprensa alternativa, como *Movimento*, *Versus*, *Opinião* e *Lampião da Esquina*.

Propaganda e promoção da Ditadura Militar

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997

O livro se debruça sobre os expedientes institucionais e publicitários usados pelo regime militar para difundir na população uma imagem positiva de si mesmo e promover uma visão apologética e grandiosa do Brasil, estimulando o nacionalismo.

*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: Editora UnB, 1991

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio*. Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2014

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; VALLE, Maria Ribeira do. “A Veja e o movimento estudantil: entre o engajamento e o entretenimento”. *Clio Revista de Pesquisa Histórica*, nº 26, v. 1, 2008.

- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2003
- JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio. *O Pasquim: antologia 1969-1971: número 1 ao 150*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991
- KUSZKA, Monika; MENDES, Denise. “Imagem: fonte de leitura”, *Revista da Móbile*, pp. 130-133, nº5, outubro/2007
- MENEZES, Ulpiano T. B., “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36, 2003
- NAPOLITANO, Marcos. “O ‘tesouro perdido’: a resistência no campo da cultura (Brasil 1969/1976)”. In: DUARTE, André et. al (org.). *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. [1ª edição: 1938] Rio de Janeiro: Record, 2011
- SÃO PAULO. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: Secretaria da Educação, 2011.